

As primeiras aulas de Latim: sugestões*

Maria Gualdina Teixeira Lopes

Zacarias Nascimento

Alexandra Mariano

Catarina Pio Lima

Helena Henriques

I - Contactos Iniciais

O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem/Esboço das características do Génio Romano

Somos confrontados com uma turma de Latim do 10º ano, composta por alunos que, embora sendo de Estudos Humanísticos, nem por isso sabem mais Português. Alguns deles, como já é voz corrente, optaram por esta formação para fugirem à Matemática... Mas espectro semelhante vão possivelmente encontrá-lo no Latim, a Matemática das línguas... A nossa tarefa é evitar que tal aconteça, embora saibamos quão difícil se torna.

O primeiro obstáculo com que deparamos é a deficiente preparação dos alunos em Português. É nossa preocupação ajudá-los a superar tais dificuldades, uma vez que todo o estudo da língua latina pressupõe o conhecimento das estruturas da língua portuguesa.

É certo que o aluno, ao chegar ao 10º ano de escolaridade, deveria possuir conhecimentos fundamentais da língua materna, mas tal não acontece e a realidade é que o programa de Português do 10º ano, demasiado vasto, não possibilita que o docente analise de uma forma sistemática questões de língua. Cabe então ao professor de Latim a tarefa acrescida de esclarecer os alunos sobre quaisquer dúvidas que vão surgindo, permitindo, assim, a resolução de possíveis lacunas de Português.

Convém recordar que alunos e professor beneficiam, quase sempre, de condições pouco habituais no nosso ensino: as turmas de Latim têm normalmente um número reduzido de alunos e o ensino tende, deste modo, a tornar-se mais humano, respeitando a individualidade e o ritmo próprio de cada aluno. Criar-se-ão então espaços na aula onde, pacientemente, se vão esclarecendo

* Trabalho elaborado por dois núcleos de Estágio das Escolas Secundárias: D. Pedro V e S. João do Estoril

pertinentes problemas da língua portuguesa na sua relação com a língua em estudo.

Mas o programa de Latim não pressupõe unicamente o estudo e interiorização das estruturas da língua: a língua é veículo de uma cultura particular e o texto latino assume-se como materialização de uma realidade há muito desaparecida. Desta forma, estudar a língua latina é apreender também a especificidade cultural do povo romano e o professor de Latim deverá dominar uma multiplicidade de conhecimentos científicos para que não incorra no erro de preterir o estudo da cultura a favor da língua, ou vice-versa.

A aproximação e descodificação do emaranhado textual, para ser correcta e efectiva, deve procurar sempre a interacção lógica entre a língua e a mensagem discursiva que esta transmite.

É preciso, então, que o professor de Latim seja antes de tudo um mediador e facilitador da aprendizagem. Deve aprender a adequar os conhecimentos que detém à realidade dos alunos, conhecendo-lhes as dificuldades, mas manter também uma orientação metodológica que privilegie a exigência, ao invés da mediocridade. Deve aprender a relacionar-se com os adolescentes, criando plataformas de entendimento, procurando que as matérias curriculares encontrem ecos na realidade do quotidiano que lhes é familiar. Não esqueçamos que o indivíduo com quem contactamos é, na maior parte das vezes, um adolescente, um *alumnus* no sentido etimológico da palavra. Para tal o professor não se deverá alhear do dia a dia e descurar a sua atenção ao meio envolvente. É necessário que os jovens cresçam bem, que adquiram uma cultura sólida que os oriente com moderação e sabedoria. Já em Tito Lívio, para não citar outros autores, a propósito da educação de Sérvio Túlio se afirmava:

"Viden tu puerum hunc, inquit, quem tam humili cultu educamus? Scire licet hunc lumen quondam rebus nostris dubiis futurum praesidiumque regiae adflictae; proinde materiam ingentis publice priuatimque decoris omni indulgentia nostra nutriamus."

Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, Livro I, 39, 1-4.

Assim, é preciso encorajar os alunos, sendo, na nossa opinião, as primeiras aulas de grande importância e quase decisivas. A aprendizagem de uma nova língua, mas não falada, poderá trazer consigo curiosidade mas também receio. Há que criar um espaço alegre, arejado... E não seria o que os romanos preconizavam, ao designar escola por "ludus"? No entanto, nem sempre os testemunhos o comprovam. Mesmo entre os romanos, imagens de castigos corporais não são uma ficção... Também nos nossos dias nem sempre a escola cumpre a sua função lúdica, lugar onde o aluno se sinta bem a aprender.

Desta forma, para que os alunos não entendam o Latim como uma língua morta, desprezando-a, ou, pior ainda, votando-a ao abandono, sugerimos que logo no primeiro contacto com os alunos, estes sejam confrontados com o antropónimo latino correspondente. Nomes como *Iacobus*, *Patricia*, *Iosephus*, *Teresia*, *Georgius*, *Silvia* são bastante habituais e permitirão iniciar os alunos na pronúncia restaurada. Sem cair em longas e eruditas explicações, os alunos aperceber-se-ão da existência de um outro tipo de pronúncia bem diferente daquela que, possivelmente, eles e os seus familiares conheciam.

Temos então oportunidade de, juntamente com os alunos, recordar nomes da Literatura e da História Romana: *Octavius Caesar Augustus* e *Marcus Tullius Cicero*... . Servem estes, como é nosso objectivo, para esboçarmos as características do génio romano. Não é difícil para os alunos concluírem que antropónimos como *Octavius*, *Tertius*, *Secundus*, *Primus*, simples ordinais, denotam uma falta de originalidade e revelam o carácter prático deste povo.

Por outro lado, o uso de *cognomina* irónicos como *Cicero*, *Caprarius*, *Nasica*, *Bibulus*, *Crassus* e *Cato* que criticam fraquezas intelectuais e morais e que demonstravam a capacidade de ridicularizar algum aspecto físico do homem, assimilando-o a um animal, revelam que este género de troça era muito apreciado pelo espírito cáustico e zombeteiro do romano. Como dizia Quintiliano nas suas *Institutiones Oratoriae*, X, I, 93 "Satura tota nostra est.", e no verso 99 "In comoedia maxime claudicamus".

Nomes como *Lentulus*, *Fabius*, *Porcellus*, *Ovidius Asellus*, *Aper* entre outros, revelam o amor do romano pela terra e a sua vivência intimamente associada à agricultura, sentimentos que se reflectem também no léxico comum.

No entanto, se, por um lado, o romano é um homem simples com as inquietações próprias de um camponês, por outro não deixará também de revelar uma faceta diferente: um espírito belicoso pronto a defender as suas terras e a alargar os seus domínios.

Parece-nos então oportuno apresentar aos alunos um quadro síntese das características peculiares do povo romano (vide *Latim / 10º ano de escolaridade*, M.E.C., p. 51), chamando a atenção destes para uma qualidade a que ainda não tinha sido feita qualquer referência – a de soldado, característica que vai permitir justificar a presença de tal povo na nossa Península.

Alguns vestígios da Romanização em Portugal

O imbricado do cenário presente e remoto dos países de África que oficialmente comunicam em Português ajudar-nos-á a perceber melhor o caleidoscópio do processo da Romanização no espaço que hoje é Portugal,

grosso-modo de 218 a.C. até 476, fim do Império Romano do Ocidente.

Em África, "As armas e os barões assinalados" abriram as portas à influência mais duradoura de Portugal, a da língua. Nela, com profética clarividência, já no séc. XVI, os nossos primeiros gramáticos Fernão de Oliveira, João de Barros e Pêro Magalhães de Gândavo reconheciam a mais sólida garantia da permanência do Império (que, entendido à Fernando Pessoa, como o espaço da fraternidade e da Cultura, urge que cada vez mais se consolide, agora, e sobretudo, que de povos autónomos se trata, pois que "Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé, um Cadáver mandando", Fernando Pessoa, *Sobre Portugal*).

A longa permanência dos Romanos no espaço em que Portugal se configurou deixou-nos a falar romance, *romanice loqui*. Esta a marca igualmente mais indelével de uma convivência, menos ou mais pacífica de largos séculos.

Serão tópicos passíveis de exploração: a chegada dos exércitos romanos à Península em 218 a.C. e a árdua e longa luta desenvolvida até 19 a.C. (Tempo de Augusto): Península - *Provincia pacata*; a aceleração do processo da romanização; a assimilação de um *modus* que Roma foi impondo; a aceitação voluntária de estruturas, organizações, realizações artísticas em que os indígenas reconheciam um superior *status* apelativo de um *modus uiuendi* similar; a acção dos mercenários e auxiliares hispanos, que, tendo combatido e vivido em regiões mais desenvolvidas, de regresso, agentes difusores de novos padrões - paralelismos com os nossos emigrantes que, tornados às terras de origem, integram novos valores; a miscigenação resultante do casamento de mulheres autóctones com soldados romanos; a pacificação interna; a corrente migratória de Romanos para a Península, especialmente no fim da República; a exploração organizada das minas, pedreiras e desenvolvimento da indústria das salgas; a organização interna e externa; a implementação de uma extensa e eficaz rede de comunicações (estradas, navegação fluvial, melhoria dos portos); a criação de colónias à maneira romana, de que são exemplos *Pax Iulia* e *Scalabis Praesidium Iulium*, possivelmente fundadas por César, mas recebendo o estatuto social de Augusto; a organização social e administrativa do território; o alargamento da concessão da cidadania romana e do *Ius Latii*; a assimilação de cultos religiosos; a sedução exercida pelo prestígio da engenharia, da arquitectura, arte e urbanismo romanos... Enfim... e como cúpula unificadora de aparentes diversidades, toda a trama do existir individual e colectivo expresso, consolidado e reproduzido pelo grande factor de coesão: a língua oficial, o Latim, que acabou por impor-se a todas as populações e ficar "inscrito" de muitas maneiras (os indígenas que aprendiam o Latim; os Romanos que não aprendiam os idiomas locais - consequências de todas as comunicações, legislação e sistema escolar assentarem no Latim).

O processo da romanização que não se confinou ao âmbito de 218 a.C. 476:

reforços, reciclagens, reutilizações que os tempos e as vicissitudes têm proporcionado, intemporalizando a mensagem inicial. A mero título de exemplificação, motivador de alargamentos subseqüentes, refiram-se:

- Camões: proposição de *Os Lusíadas* – Virgílio – proposição da *Eneida*;
- Almeida Garrett: "Este inferno de amar" – Catulo: *Odio et amo* (LXXXV);
- Ricardo Reis: "Vem sentar-te comigo, Lídia à beira do rio" – Horácio: *Tu ne quaesieris (scire nefas), quem tibi / finem di dederint...* (I-11).

Limitámo-nos à enumeração rápida de tópicos que julgamos capazes de despoletarem um trabalho colectivo de pesquisa, porquanto "uma aula – ou uma série de aulas – não é um abstracção; tem de ser uma realidade viva, dinâmica, diálogo professor – classe, prolongado ainda para lá da aula, em casa...", como no-lo diz Maria do Céu Novais Faria, em *Esquemas de Lições sobre "Os Lusíadas"*.

II – Duas Propostas

1 – As inscrições latinas – um quotidiano que nos interpela

Várias são as iniciações possíveis ao Latim. Felizmente nenhuma delas tem o segredo da eficácia plena. Eis porque o desafio é perene. A nossa "iniciação" é tão somente uma no leque das hipóteses. Movem-nos entre outras razões: o mexermos com as nossas raízes, com legados que preenchem o nosso território e com a opção de se começar com textos autênticos, evitando frases já cansadas.

As inscrições são testemunhos de um povo, reflexo da sua cosmovisão; são portas abertas para o estudo quer do código linguístico quer de códigos comportamentais.

À selecção dos textos, retirados de *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* de José d' Encarnação, presidiu o facto de apresentarem o mesmo nome masculino e feminino e / ou o mesmo vocábulo em diferentes casos (limitando-nos às ocorrências de tema em *a* e *o*).

Por razões evidentes, as palavras apresentam-se completas, embora assim não surjam nos documentos originais.

Norteiam-nos como *objectivos específicos* :

- proporcionar a percepção da importância cultural das inscrições;
- induzir ao reconhecimento da relevância das terminações dos vocábulos, relacionando-as com a função sintáctica;
- facilitar a noção de caso e de declinação.

1º MOMENTO

Objectivos Comportamentais:

O APRENDENTE:

- 1) apreende a rede de relações: territoriais, sociais, ideológicas, históricas... em que está inserido;
- 2) reconhece como documentos históricos inscrições latinas produzidas em território actualmente português, no tempo da romanização;
- 3) questiona hipotéticas interacções entre passado e presente.

Estratégias / Actividades:

1 – Leitura (em português) da inscrição do anexo 1.

2 – Diálogo professor – alunos sobre o presente marcado pelo passado:

- a temática das inscrições – uma constante no tempo;
- o contributo documental das inscrições, enquanto mundividência ou expressão do "facto social total" (Marcel Mauss) – vertentes: social, ideológica, religiosa, política,...;
- a importância da abolição da barreira linguística para o conhecimento do homem de sempre;
- "a língua porta de ser, percepção do mundo" – (Heidegger).

2º MOMENTO

Objectivos Comportamentais:

O APRENDENTE:

- 1) reconhece um outro código linguístico;
- 2) verifica as terminações dos nomes:
 - apreende que as terminações são vias conducentes à identificação do género;
- 3) distingue nomes masculinos e nomes femininos;
- 4) questiona-se sobre as terminações similares como hipótese aglutinadora de segmentos frásicos;

- 5) identifica, a partir das terminações, palavras que podem concordar com os nomes próprios;
- 6) verifica o posicionamento dos segmentos na frase;
- 7) identifica, pela indução e com o apoio da tradução, a função sintáctica dos nomes próprios e dos segmentos que com eles directamente se conectionam;
- 8) relaciona a terminação com a função sintáctica;
- 9) apreende a noção de caso e de declinação.

Estratégias / Actividades:

- 1 – Distribuição de fotocópias com inscrições;
Anexo 2
- 2 – Levantamento dos nomes próprios;
Anexos 2 e 3
- 3 – Levantamento das palavras e segmentos frásicos que concordam com os nomes próprios (a partir da terminação);
- 4 – Passagem das inscrições para a ordem directa do português, para maior facilidade de apreensão;
Anexo 5
- 5 – Tentativa de tradução gradativa (diálogo professor – alunos);
- 6 – Identificação da função sintáctica – paralelismos e especificidades do latim e do português;
- 7 – Relação entre a terminação da palavra e a função sintáctica;
Anexo 6
- 8 – Noção de caso / noção de declinação;
- 9 – Síntese: paradigma *filia / filius* (sem vocativo).
- 10 – Apresentação da tradução;
Anexo 5

3ª MOMENTO

Esta nossa sugestão pode não ser confinada às primeiras aulas, mas configurar-se como um suporte capaz de gerar hipóteses similares no processo de ensino – aprendizagem da língua e cultura latinas.

Embora as inscrições apresentadas nesta proposta sejam extraídas de lápides funerárias, é possível, obviamente, encontrar outro tipo de testemunhos como, por exemplo, marcos miliários. A nossa concretização mais não é do que uma entre possíveis.

O material a que nos ativemos possibilita, a nível linguístico, o estudo de diversas estruturas, dependendo dos objectivos; a nível cultural, a reflexão sobre diversas facetas da condição humana.

Assim, e a mero título de exemplificação, poder-se-ia retomar a inscrição do anexo 1, susceptível de concretizar estes dois aspectos referidos.

Anexo 1.

1.

"Quem quer que tu sejas, viandante, que passares por mim, neste lugar sepultada, se de mim tiveres pena – depois de teres lido que faleci no vigésimo ano de vida – e se o meu descanso te sensibilizar, rogarei que, fatigado, tenhas mais doce descanso, mais tempo vivas e longamente envelheças nesta vida que não me foi lícito desfrutar.

Chorar, de nada te serve. Porque não aproveitas os anos?

Ínaco e Io mandaram fazer para mim.

Vai, é preferível, apressa-te agora que já leste o que tinhas para ler. Vai.

Nice viveu vinte anos".

QVISQVIS PRAETERIENS PROPE
SITAM VIATOR POSTQVAM
TERMINE LEGERIS PERISSE
ME AETATIS VICESIMO ANNO
DOLEBIS ET SI SENSVS ERIT
MEAE QVIETISQVE LASSO SIT
TIBI DVLCIVS PRECABOR UT
VIVAS PLVRIBVS ET DIV SE-
NECAS QVA MI NON HAC
LICVIT FRVARE VITA. NIHIL
TE FLERE IVVAT. QVIDNI FRVE-
RIS ANNIS? INACHVS HAEC MI
[...] IO FACIENDVM CURAVERVNT. I. POTIVS PROPERA NAM
QVI LEGIS IPSE LEGERIS. I. NICE ANNOS XX VIXIT.

Inscrição nº 270, pág. 341-344

Ach.: Beja

Par.: Museu de Évora, nº1827.

Finais do séc.I- princípios do séc.II.

Anexo 2

2.

A) D M S / PATRICIA VI/XIT ANNIS XI / D III

B) D M S / PATRICIVS VI/XIT ANNIS / XLIII
M III D X/III

A) DIS MANIBVS SACRVM / PATRICIA VI/XIT ANNIS XI / DIEBVS III

B) DIS MANIBVS SACRVM / PATRICIVS VI/XIT ANNIS /
XLIII MENSIBVS III DIEBVS X/III

Inscrição nº 49, pág. 94–95

Ach.: Quinta do Marim, Quelfes, Olhão

Par.: Museu Municipal do Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz, nº 4228

Finais do séc.II– princípios do séc.III.

3.

T. MANLIO / T. F. QVIR. / FAVS/TINO BALS. / MANLIA T. F. /
FAVSTINA / SOROR FRA/TRI PISSIMO / II VIR. II /
D. D. EPVLO DATO.TITO MANLIO / TITI FILIO QVIRINA TRIBV FAV/
STINO BALSENSI / MANLIA TITI FILIA / FAVSTINA / SOROR
FRA/TRI PISSIMO / DVVMVIRO BIS / DECRETO DECVRIORVM /
EPVLO DATO

Inscrição nº 79, pág.132–133

Ach.: Quinta da Torre d'Ares,Luz, Tavira

Par.: MNAE, nº E 6363

Finais do séc.II.

4.

IVLIAE TIB. F. MAR/CIAE GEMINAE / AMICAE OPTIMAE /
L. QVINTIVS PRISCION / CVM CALLAEA T. F. SEVERINA /
ET QVINTIA AVITA FIL. D. D.IVLIAE TIBERII FILIAE MAR/CIAE GEMINAE / AMICAE
OPTIMAE / LVCIVS QVINTIVS PRISCION / CVM CALLAEA
TITI FILIA SEVERINA / ET QVINTIA AVITA FILIA
DEDERVNT DEDICARVNTQVE

Inscrição nº 86, pág. 144–145
Ach.:Quinta da Torre d' Ares, Luz, Tavira
Par.:MNAE nº E6359
Finais do séc.II–princípios do séc.III.

5.

Q. TVLLIVS HABITI / F. GAL. MODESTVS / AN. XX TVLLIA
HABITI / F. TVSCA AN. V. Q. ALFIVS / MODESTVS H. S. S.
S. V. T. L. / MATER F. C.

QVINTVS TVLLIVS HABITI / FILIVS GALERIA TRIBV MODESTVS /
ANNORVM XX TVLLIA HABITI / FILIA TVSCA ANNORVM V.
QVINTVS ALFIVS / MODESTVS HIC SITI SVNT. SIT VOBIS
TERRA LEVIS / MATER FACIENDVM CVRAVIT.

Inscrição nº 407, pág. 485–486
Ach.:Herdade da Venda, Azaruja, Évora
Par.:Museu de Évora, nº 1824
1ª metade do séc. I

6.

I. O. M. / IN MEMORIAM / L. ATILI. MAXIMI /
SEVERIANI FIL. / PIENSISSIMI / L. ATIL. ATILIANVS /
ET ARTVLLIA. / G. F. SEVERA. EX / ARGENTI.
LIB. [...] POSVERVNT

IOVI OPTIMO MAXIMO. / IN MEMORIAM / LVCII ATILII
MAXIMI / SEVERIANI FILII / PIENSISSIMI / LVCIVS
ATILIVS ATILIANVS / ET ARTVLLIA / GAII FILIA
SEVERA EX ARGENTI LIBRIS [...] / POSVERVNT.

Inscrição nº 60, pág. 107–109
Ach.:S.Bartolomeu de Messines
Par.:Museu de Évora, nº 1713
Finais do séc.II–princípios do séc.III.

Anexo 3

2.

A) DIS MANIBVS SACRVM / PATRICIA VI/XIT ANNIS
XI / DIEBVS IIII

B) DIS MANIBVS SACRVM / PATRICIVS VI/XIT ANNIS /
XLIII MENSIBVS III DIEBVS X/IIII

3.

TITO MANLIO / TITI FILIO QVIRINA TRIBV FAV/
STINO BALSENSI / MANLIA TITI FILIA / FAVSTINA / SOROR
FRA/TRI PISSIMO / DVVMVIRO BIS / DECRETO DECVRIORVM /
EPVLO DATO

4.

IVLIAE TIBERII FILIAE MAR/CLAE GEMINAE / AMICAE
OPTIMAE / LVCIVS QVINTIVS PRISCION / CVM CALLAEA
TITI FILIA SEVERINA / ET QVINTIA AVITA FILIA
DEDERVNT DEDICARVNTQVE

5.

QVINTVS TVLLIVS HABITI / FILIVS GALERIA TRIBV MODESTVS /
ANNORVM XX TVLLIA HABITI / FILIA TVSCA ANNORVM V
QVINTVS ALFIVS / MODESTVS HIC SITI SVNT. SIT VOBIS
TERRA LEVIS / MATER FACIENDVM CVRAVIT.

6.

IOVI OPTIMO MAXIMO. / IN MEMORIAM / LVCII ATILII
MAXIMI / SEVERIANI FILII / PIENTISSIMI / LVCIVS
ATILIVS ATILIANVS / ET ARTVLLIA / GAII FILIA
SEVERA EX ARGENTI LIBRIS [...] / POSVERVNT.

Anexo 4

*Feminino**Masculino*

2. PATRICIA

PATRICIVS

3. MANLIA FAVSTINA

TITO MANLIO FAVSTINO

QVIRINA

TITI

4. IVLIAE MARCIAE GEMINAE

QVINTIA AVITA
CALLAEA SEVERINA

TIBERII
LVCIVS QVINTIVS (PRISCION)

5. TVLIA TVSCA

TITI
QVINTVS TVLLIVS MODESTVS
QVINTVS ALFIVS MODESTVS
HABITI

GALERIA

6.

ARTVLIA SEVERA

(IOVI) OPTIMO MAXIMO

LVCII ATILII MAXIMI SEVERINI
LVCIVS ATILIVS ATILIANVS
GAI

Anexo 5

2.

A) DIS MANIBVS SACRVM
PATRICIA
VIXIT
ANNIS XI
DIEBVS IIII

Consagrado aos deuses Manes
Patrícia
viveu
11 anos
[e] 4 dias.

B) DIS MANIBVS SACRVM
PATRICIVS
VIXIT
ANNIS XLIII
MENSIBVS III DIEBVS XIII

Consagrado aos deuses Manes
Patrício
viveu
43 anos
3 meses [e] 14 dias.

3.

TITO MANLIO FAVSTINO, FILIO
TITI
QVIRINA TRIBV BALSENSI

A Tito Mânlio Faustino, filho
de Tito
da tribo Quirina, natural de Balsa.

MANLIA FAVSTINA FILIA
TITI
SOROR
FRATRI PISSIMO
DVVMVIRO BIS
DECRETO
DECVRIORVM
EPVLO DATO

Mânlia Faustina, filha
de Tito,
irmã,
ao irmão modelo de piedade,
duunviro pela segunda vez.
Por decreto
dos decuriões.
Tendo oferecido um banquete.

4.

IVLIAE MARCIAE GEMINAE, FILIAE
TIBERII
AMICAE OPTIMAE
EDERVNT DEDICARVNTQVE
LVCIVS QVINTIVS PRISCION
CVM
CALLAEA SEVERINA, FILIA
TITI
ET
QVINTIA AVITA FILIA

A Júlia Márcia Gémina, filha
de Tibério,
a amiga ótima,
deram e dedicaram
Lúcio Quíncio Priscião
com
Caleia Severina, filha
de Tito
e
Quíncia Avita [sua] filha.

5.

HIC SITI SVNT
QVINTVS TVLLIVS MODESTVS FILIVS
HABITI
GALERIA TRIBV
XX ANNORVM
TVLIA TVSCA, FILIA
HABITI
V ANNORVM
QVINTVS ALFIVS MODESTVS
SIT VOBIS TERRA LEVIS
MATER FACIENDVM CVRAVIT

Aqui jazem
Quinto Túlio Modesto, filho
de Hábito,
da tribo Galéria,
de 20 anos,
Túlia Tusca, filha
de Hábito,
de 5 anos,
Quinto Álfio Modesto.
Que a terra vos seja leve.
A mãe mandou fazer.

6.

IOVI OPTIMO MAXIMO
IN MEMORIAM
LVCII ATILII MAXIMI SEVERINI,
FILII PIENTISSIMI

A Júpiter Ótimo Máximo.
Em memória
de Lúcio Atílio Máximo Severiano,
filho modelo de piedade,

LVCIVS ATILIVS ATILIANVS	Lúcio Atílio Atiliano
ET	e
ARTVLIA SEVERA, FILIA	Artúlia Severa, filha
GAI	de Gaio,
POSVERVNT	colocaram com
[...] EX LIBRIS	[...] libras
ARGENTI	de prata.

Anexo 6

- 2.
- | | |
|--|-----------|
| A) DIS MANIBVS SACRVM
PATRICIA | - SUJEITO |
| VIXIT
ANNIS XI
DIEBVS III | |
| B) DIS MANIBVS SACRVM
PATRICIVS | - SUJEITO |
| VIXIT
ANNIS XLIII
MENSIBVS III DIEBVS XIII | |
- 3.
- | | |
|-----------------------------|---------------------------------------|
| TITO MANLIO FAVSTINO, FILIO | - COMPLEMENTO INDIRECTO [+
aposto] |
| TITI | - COMPLEMENTO DETERMINATIVO |
| QVIRINA TRIBV BALSENSI | |
| MANLIA FAVSTINA, FILIA | - SUJEITO |
| TITI | - COMPLEMENTO DETERMINATIVO |
| SOROR | |
| FRATRI PISSIMO | - APOSTO (DO COMPL. IND.) |
| DVVMVIRO BIS | - APOSTO (DO COMPL. IND.) |
| DECRETO | - COMPL. CIRC. MEIO |
| DECVRIORVM | - COMPLEMENTO DETERMINATIVO |
| EPVLO DATO | - COMPL. CIRC. MODO |

4.

IVLIAE MARCIAE GEMINAE, FILIAE – COMPLEMENTO INDIRECTO
(+ APOSTO)
TIBERII – COMPLEMENTO DETERMINATIVO
AMICAE OPTIMAE – APOSTO (DO COMPL. IND.)
 DEDERVNT DEDICARVNTQVE
LVCIVS QVINTIVS PRISCION – SUJEITO
 CVM
CALLAEA SEVERINA, FILIA – COMPL. CIRC. COMPANHIA
TITI – COMPLEMENTO DETERMINATIVO
 ET
QVINTIA AVITA FILIA – COMPL. CIRC. COMPANHIA

5.

HIC SITI SVNT
QVINTVS TVLLIVS MODESTVS, FILIVS – SUJEITO (+ APOSTO)
HABITI – COMPLEMENTO DETERMINATIVO
 GALERIA TRIBV
 XX ANNORVM
TVLIA TVSCA, FILIA – SUJEITO (+ APOSTO)
HABITI – COMPLEMENTO DETERMINATIVO
 V ANNORVM
QVINTVS ALFIVS MODESTVS – SUJEITO
 SIT VOBIS TERRA LEVIS
 MATER FACIENDVM CVRAVIT

6.

IOVI OPTIMO MAXIMO – COMPLEMENTO INDIRECTO
 IN MEMORIAM
LVCII ATILII MAXIMI SEVERINI, – COMPLEMENTO DETERMINATIVO
FILII PIENTISSIMI – APOSTO (DO COMPL. DETERM.)
LVCIVS ATILIVS ATILIANVS – SUJEITO
 ET
ARTVLIA SEVERA, FILIA – SUJEITO (+ APOSTO)
GAI – COMPLEMENTO DETERMINATIVO
 POSVERVNT (...)
 EX LIBRIS
ARGENTI – COMPLEMENTO DETERMINATIVO

2 – Astérix – uma porta de acesso ao Latim

A inscrição que acabámos de ouvir traz-nos uma mensagem de alegria, do *carpe diem*, ideal preconizado por Horácio e que tão bem caracteriza o povo romano. Foi este aspecto lúdico, visível em certos textos, que decidimos privilegiar na nossa proposta, ao escolhermos o tratamento de uma banda desenhada para iniciar os alunos no estudo da língua latina.

Frases como "Roma in Italia est", "Lusitania patria nostra est", entre outras, estão já, segundo a nossa opinião, suficientemente gastas; e, por surgirem desprovidas de contexto pertinente, pouco interessariam aos alunos.

O estudo de frases curtas, como conviria neste momento, mas inseridas num contexto motivador, era o nosso objectivo. Urgia encontrar um texto lógico, de conteúdo estimulante e que não oferecesse dificuldades excessivas ao nível da língua.

A exploração da banda desenhada ao serviço do Latim fora já levada a cabo por alguns estudiosos. Assim, o Prof. Doutor Carlos Alberto Louro da Fonseca, no *Boletim de Estudos Clássicos* de Dezembro de 1991, pretendeu reconstituir, através de uma banda desenhada, episódios da vida de Viriato.

Também a Dr^a Joana de Barros Baptista procurou motivar os seus alunos de Línguas e Literaturas Modernas, no ano lectivo de 78/79, propondo-lhes uma adaptação em banda desenhada do texto nº 37 do volume III do método *Ecce Romani*.

Optámos, então, por uma estratégia diferente. Escolher uma banda desenhada que apresentasse uma versão em português e em latim. Daí que o Astérix, cujas aventuras são conhecidas pela maioria dos jovens, nos tenha surgido como um "deus ex machina" para as nossas preocupações.

A posição assumida no nº 2 da revista *Clássica* pelo Prof. Doutor Victor Jabouille que tão entusiasticamente defendeu o uso desta banda desenhada no estudo do Latim, afirmando que "a sua utilização seria, logicamente, a nível complementar, como uma primeira aproximação, global, à língua latina e visaria a preparação – linguística e cultural – para o estudo dos autores latinos (estudo que seria feito a outro nível)", encorajou-nos.

Não seria isto mesmo o que pretendíamos? Porquê sobrecarregar, logo de início, os alunos com textos pesados e pouco aliciantes? Nos dois anos de estudo da língua latina, teriam, certamente, oportunidade de conhecer outro tipo de literatura, mais "séria" e, inclusivé, textos originais. Para já, era necessário motivá-los e encorajá-los.

Animados destas intenções, escolhemos o volume *Fossa Alta* que, além de possuir um enredo onde se combinam a aventura e o amor tão do agrado dos adolescentes, oferecia a possibilidade de, ao explorar o nome da heroína *Rosina*, eles se aperceberem das diferentes formas que tal palavra apresenta ao longo da história.

Sabemos que a tendência moderna é iniciar os alunos através de uma progressão gramatical, privilegiando as funções sintácticas mais frequentes e evitando-se o estudo por declinações.

Este método é-nos sugerido no *Religandum* da Dr^a Maria Cristina Pimentel e no *Latin 4 ème e 3 ème* dos autores Jean Wuillème e Alain Jean, entre outros.

Correndo o risco de críticas, pertinentes talvez, enveredámos por um caminho diferente.

Já tínhamos escolhido o texto. Que fazer em seguida?

O primeiro problema com que deparámos foi o nome da heroína que, na versão latina, vem designado por *Rosina* e, na portuguesa, por *Fanzine*, directamente traduzido da versão francesa. Pensámos que, se por um lado, tal antropónimo é pouco frequente entre nós (ou até inexistente), por outro, a tradução de *Rosina*, nome latino, por *Rosinha*, nome, aliás, bem português, viria facilitar a associação entre os dois nomes por parte dos alunos.

Superado este obstáculo, tentámos criar o nosso texto: uma adaptação da versão portuguesa, onde seriam mantidas as vinhetas que correspondiam ao nosso objectivo, e resumidos os momentos necessários à compreensão da história. Sobrepostas a algumas vinhetas em português, apareceriam edículas em latim.

Os alunos, na posse do texto, aperceber-se-iam de que as vinhetas números 5, 10, 13, 14, 15, 16 e 17 apresentam duas versões: a portuguesa e a latina.

Numa primeira fase, e após a leitura e compreensão da globalidade do texto, o professor ordenaria no quadro as frases escolhidas das vinhetas números 5 e 17 e, ao lado, as das edículas números 13 e 14.

Os alunos, comparando as diversas frases, notariam que a palavra em causa surge grafada da mesma maneira em Latim. Reparariam, contudo, que em dois exemplos o nome estava destacado por uma vírgula, correspondendo sempre à interpelação da personagem, em frases de tipo exclamativo / imperativo.

Recorrendo ao texto português, relacionariam a tradução do nome *Rosina* com a função sintáctica que a palavra desempenha na frase.

Seria então oportuno explicitar as funções sintácticas de sujeito e vocativo.

A inexistência do artigo definido na versão latina poderia ser também objecto da nossa atenção.

Num segundo momento, o professor registaria, no quadro, as frases seleccionadas das vinhetas números 15 e 16. Partindo da tradução portuguesa e apelando para competências gramaticais já adquiridas e de novo explicitadas, os alunos identificariam os verbos como transitivos e perceberiam a necessidade de um nome que desempenharia a função de complemento directo. Pelo confronto com os exemplos anteriores, verificariam que a palavra apresenta uma terminação diferente, estabelecendo-se uma analogia entre a desinência *-m* e a função sintáctica de complemento directo na frase.

O terceiro momento corresponderia à exploração de uma frase da vinhetas número 10, igualmente anotada no quadro. O vocábulo oferece uma terminação

diferente que pressupõe, como os alunos poderiam verificar, uma nova tradução. Caberia ao professor esclarecer a função de complemento determinativo.

Poder-se-ia apelar para a intuição dos alunos no que diz respeito à tradução do advérbio de tempo *iam*.

Seria também oportuna uma breve referência à passagem do grupo *-ti-* latino para *-ci-* no português. Esta alusão justificar-se-ia pela tradução do nome latino *Segregationix* em *Segregacionix*, na frase analisada.

A comparação entre a versão latina e a portuguesa não invalida que o professor recorra, sempre que necessário, a outros exemplos análogos para um melhor esclarecimento dos alunos.

Nesta altura, e partindo da totalidade das frases registadas no quadro, os alunos destacariam as várias funções sintácticas, utilizando giz de cor.

Uma das disposições possíveis seria a seguinte:

FUNÇÃO DE SUJEITO

recte *Rosina* iudicat. (nº 5)
recte dicit *Rosina*! (nº 17)

FUNÇÃO DE VOCATIVO

noli curare, *Rosina*! (nº 13)
Rosina, mea filia! (nº 14)

FUNÇÃO DE COMPLEMENTO DIRECTO

si vis *Rosinam* recuperare, (...). (nº 15)
Rosinam reducunt! (nº 16)

FUNÇÃO DE COMPLEMENTO DETERMINATIVO

iam dotem *Rosinae* para, *Segregationix*! (nº 10)

Através dos exemplos apresentados, os alunos poderão identificar o elemento invariável *Rosina*, o tema da palavra, a que se acrescentaram as desinências *-m* ou *-e* identificadoras das respectivas funções sintácticas.

A partir deste momento introduzir-se-iam as noções de tema e declinação. Chamar-se-ia a atenção dos alunos para o facto de a palavra ser de tema em *-a* e estar agrupada numa declinação: a primeira.

Pensámos que, neste primeiro contacto com o Latim e dada a especificidade dos nossos objectivos, não nos repugnaria omitir a noção de caso, pois que acarretaria, possivelmente, algumas dificuldades aos alunos.

Como complemento para a sistematização dos conhecimentos adquiridos, seria aconselhável, ainda, elaborar um quadro síntese (cf. Quadro Síntese) onde se evidenciariam as funções sintácticas, o tema e as desinências da palavra.

QUADRO SÍNTESE

TEMA	DESINÊNCIA	FUNÇÃO SINTÁCTICA
ROSINA	---	SUJEITO
ROSINA	---	VOCATIVO
ROSINA	-m	COMPLEMENTO DIRECTO
ROSINA	-e	COMPL. DETERMINATIVO

No entanto, nunca a palavra deverá ser isolada da frase e destituída de um contexto. Embora implicitamente este procedimento já tenha sido levado a cabo, achámos, porém, que era necessário um tratamento mais pormenorizado de cada frase, analisando outro conteúdo gramatical: o verbo.

Os alunos, tendo à mão a tradução portuguesa e confrontando as frases das vinhetas números 5, 16 e 17, distinguiriam as terminações verbais correspondentes às 3^{as} pessoas do singular (vinhetas 5 e 17) e a respeitante à 3^a pessoa do plural (edícula 16). Não é difícil neste momento estabelecer um paralelo com a língua francesa, e identificar *-t* como desinência da 3^a pessoa do singular e *-nt* da 3^a pessoa do plural.

Nas frases das vinhetas números 10 e 13 os alunos aperceber-se-ão de que a ordem/pedido é dada na forma afirmativa (*para*) e na negativa (*noli curare*), respectivamente.

Apesar de os novos programas não contemplarem o tratamento do imperativo negativo no primeiro ano de estudo da língua latina, pensamos que, num texto que privilegia o diálogo se justifica a sua abordagem, também defendida nos programas ainda em vigor como conteúdo gramatical a introduzir no 1^o período do 10^o ano (vide *Latim / 10^o ano de escolaridade*, M.E.C., p. 9).

Tal construção não irá, obviamente, merecer análise muito aprofundada que implicaria a referência a outras questões gramaticais, cujo tratamento não achamos pertinente nesta fase.

Ainda no capítulo dos verbos, os alunos, intuitivamente, identificarão a forma de infinitivo *recuperare* (cf. vinheta 15), dada a semelhança com a correspondente portuguesa.

As hipóteses sugeridas destinam-se naturalmente, apenas a estimular a aprendizagem de uma língua de cuja dificuldade estamos conscientes. Não foi nosso objectivo fazer a exploração completa da totalidade da declinação de tema em *-a*. Circunscrevemo-nos apenas às funções de sujeito, vocativo, complemento directo e complemento determinativo, no singular.

Como tivemos oportunidade de referir, hoje privilegia-se o estudo da palavra na frase, independentemente do tema a que esta pertença. No entanto, dadas as características da nossa proposta, detivemo-nos apenas num nome de tema em -a.

No início do nosso trabalho já se realçou a necessidade de não preterir o estudo da cultura, a favor da língua, ou o inverso. A *Fossa Alta* permitiria a abordagem de alguns conteúdos de cultura e civilização latinas. A vinheta número oito, partindo do significado de *Vestal*, poder-nos-ia proporcionar pistas para a abordagem do tema da Religião que consta no programa vigente para o primeiro ano do estudo da língua. A edícula número nove poderia introduzir outro conteúdo civilizacional: a Escravatura. De facto, nela está bem patente a revolta dos legionários por se verem obrigados a desempenhar tarefas que consideravam próprias dos escravos.

Temos, no entanto, consciência de que não seria oportuno, nesta primeira aproximação ao Latim, tratar estes temas com a profundidade necessária, o que poderá ser retomado numa fase posterior em aula.

Bibliografia

- A.A.V.V., *Boletim de Estudos Clássicos*, nº 16, Coimbra, 1991.
 A.A.V.V., *Clássica – Boletim de Pedagogia e Cultura*, nº 2, Lisboa, 1967.
 A.A.V.V., *Clássica – Boletim de Pedagogia e Cultura*, nº 5, Lisboa, 1979.
 ALLARD, J. A. e RAMBAND, M., *Mots Latins*, Paris, Hachette, 1966.
 BUESCU, MARIA LEONOR CARVALHÃO, *Aspectos na herança clássica da cultura portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1979.
 CATULO, *Poésies*, Paris, Les Belles Lettres, 1966.
 D.G.E.B.S., *Organização Curricular e Programas – Latim / Grego*, Lisboa, EN-CM, 1991.
 ENCARNAÇÃO, JOSÉ D', *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*, Coimbra, 1969.
 FARIA, HERNESTRO, *Introdução à Didáctica do Latim*, Rio de Janeiro, 1959.
 FARIA, MARIA DO CÉU NOVAIS, "Metodologia do Latim" in *Colóquio sobre O Ensino do Latim – Actas*, Coimbra, 1963.
 FREIRE, A., *Conversação Latina*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1960.
 GOSCINNY, R. e UDERZO, A., *Asterix – O Grande Fosso*, Lisboa, Bertrand, 1980.
 GOSCINNY, R. e UDERZO, A., *Astérix – Fossa Alta* (versão latina de Karl – Heinz Graf von Rothenburg), Stuttgart, Ehapa Verlag, 1981.
 HACQUARD, G., DAUTRY, J. e MAISANI, O., *Guide Romain Antique*, Paris, Hachette, 1952.
 HANTON, A. e PREAUX, L., *Tito Lívio – Extraits des Histoires*, Wesmael – Charlier, 1966.
 HORÁCIO, *Carmina*, Paris, Hachette, 1978.
 MARQUES, A. H. DE OLIVEIRA, *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Palas Editores, 1978.
 MARTIN, F., *Vocabulaire Latin*, Paris, Hachette, 1942.
 PIMENTEL, MARIA CRISTINA DE SOUSA, *Religandum*, Lisboa, Publicações da Revista Clássica, 1988.
 SARAIVA, JOSÉ HERMANO, *Temas de História de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1989.